



4º ENCONTRO: 31 jan. 23

Redescobrir em cada dia a beleza da verdade da celebração cristã

21. Devemos, porém, estar atentos: para que o antídoto da Liturgia seja eficaz é-nos pedido que em cada dia redescubramos a beleza da verdade da celebração cristã. Refiro-me, mais uma vez, ao seu sentido teológico, tal como o n. 7 da *Sacrosanctum Concilium* maravilhosamente o descreveu: a liturgia é o sacerdócio de Cristo a nós revelado e doado na sua Páscoa, hoje tornado presente e atuante mediante sinais sensíveis (água, azeite, pão, vinho, gestos, palavras) para que o Espírito, submergindo-nos no mistério pascal, transforme toda a nossa vida, conformando-nos cada vez mais a Cristo.

22. A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a procura de um esteticismo ritual que se compraz apenas no cuidado da formalidade

exterior de um rito ou se satisfaz com uma escrupulosa observância rubricada. Obviamente, esta afirmação não quer de modo algum aprovar a atitude oposta que confunde a simplicidade com a banalidade rasteira, a essencialidade com uma superficialidade ignorante, a concreção do agir ritual com um exasperado funcionalismo prático.

23. Entendamo-nos: todos os aspetos do celebrar devem ser cuidados (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestes, canto, música, ...) e todas as rubricas devem ser observadas: bastaria esta atenção para evitar subtrair à assembleia aquilo que lhe é devido, isto é, o mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja estabelece. Mas mesmo que a qualidade e a norma da ação celebrativa estejam garantidas, isso não bastaria para tornar plena a nossa participação.

O assombro pelo mistério pascal: parte essencial do ato litúrgico

24. Se viesse a faltar o assombro pelo mistério pascal que se torna presente no concreto dos sinais sacramentais, poderíamos verdadeiramente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração. Não bastam os esforços, ainda que louváveis, em prol de uma melhor qualidade da celebração e nem sequer um apelo à interioridade: também esta corre o risco de se reduzir a uma vazia subjetividade se não acolher a revelação do mistério cristão. O encontro com Deus não é fruto de uma individual busca interior d'Ele mas é um acontecimento dado: podemos encontrar Deus pelo facto novo da Encarnação que na última Ceia chega ao extremo de desejar ser comido por nós. Como poderá acontecer-nos a desgraça de nos subtrairmos ao fascínio da beleza deste dom?

25. Ao dizer assombro perante o mistério pascal não pretendo dizer de forma alguma aquilo que por vezes me parece querer exprimir-se com a nebulosa expressão "sentido do mistério": por vezes entre os supostos capítulos de imputação contra a reforma litúrgica vem também esse de o ter – assim se diz – eliminado da celebração. O assombro de que falo não é uma espécie de desmaio perante uma realidade obscura ou um rito enigmático, mas é, pelo contrário, o maravilhamento pelo facto de que o plano salvífico de Deus nos foi revelado na Páscoa de Jesus (cf. Ef 1, 3-14), cuja

eficácia nos continua a alcançar na celebração dos “mistérios”, isto é, dos sacramentos. Entretanto, continua a ser verdade que a plenitude da revelação tem, em confronto com a nossa finitude humana, uma excedência que nos transcende e que terá o seu cumprimento no fim dos tempos, quando o Senhor vier de novo. Se o assombro é verdadeiro não há qualquer risco de que não se perceba, apesar da vizinhança que a encarnação quis, a alteridade da presença de Deus. Se a reforma tivesse eliminado esse “sentido do mistério”, mais do que um capítulo de acusação, isso seria uma nota de mérito. A beleza, como a verdade, gera sempre assombro e quando se referem ao mistério de Deus, levam à adoração.

26. O assombro é parte essencial do ato litúrgico, porque é uma atitude de quem sabe que se encontra perante a peculiaridade dos gestos simbólicos; é o enlevo de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em remeter para um conceito abstrato, mas em conter e exprimir na sua concretização aquilo que significa.

A necessidade de uma séria e vital formação litúrgica

27. A questão fundamental é, portanto, esta: como recuperar a capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica? Tal era o objetivo da reforma do Concílio. O desafio é muito exigente porque o homem moderno – não do mesmo modo em todas as culturas – perdeu a capacidade de se confrontar com o agir simbólico que é uma característica essencial do ato litúrgico.

28. A pós-modernidade – em que o homem se sente cada vez mais perdido, sem referências de qualquer tipo, privado de valores porque tornados indiferentes, órfão de tudo, numa fragmentação em que parece impossível um horizonte de sentido – é ainda agravada pela pesada herança que nos deixou a época anterior, feita de individualismo e subjetivismo (que, mais uma vez, remetem para pelagianismo e gnosticismo) bem como de um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, espírito encarnado e, portanto, capaz em si mesmo de ação e de compreensão simbólica.

29. Foi com a realidade da modernidade que a Igreja reunida em Concílio se quis confrontar, reafirmando a consciência de ser sacramento de

Cristo, *luz dos povos (Lumen gentium)*, pondo-se em religiosa escuta da *Palavra de Deus (Dei Verbum)* e reconhecendo como suas as *alegrias e as esperanças (Gaudium et spes)* dos homens de hoje. As grandes Constituições conciliares não são separáveis e não é por acaso que esta única grande reflexão do Concílio Ecuménico – a mais alta expressão da sinodalidade da Igreja, de cuja riqueza eu sou chamado a ser guardião, com todos vós – partiu da Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*).

30. Ao encerrar a segunda sessão do Concílio (4 de dezembro de 1963), **são Paulo VI** assim se exprimia:

“Não ficou sem fruto a discussão difícil e intrincada, pois um dos temas – o primeiro a ser examinado e o primeiro, em certo sentido, na excelência intrínseca e na importância para a vida da Igreja – o da sagrada Liturgia – foi felizmente concluído e é hoje por Nós solenemente promulgado. Exulta o Nosso espírito com este resultado. Vemos que se respeitou nele a escala dos valores e dos deveres: Deus, em primeiro lugar; a oração, a nossa primeira obrigação; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, primeira escola da nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão, que junto a nós crê e ora, e primeiro convite dirigido ao mundo para que solte a sua língua muda em oração feliz e autêntica e sinta a inefável força regeneradora, ao cantar connosco os divinos louvores e as esperanças humanas, por Cristo Nosso Senhor e no Espírito Santo”.

(Carta Apostólica **DESIDERIO DESIDERAVI** do santo padre **Francisco** sobre a formação litúrgica do Povo de Deus)